

Sou do Guamá! Uma análise da “marginalização” e do “orgulho” na representação do bairro de Belém do Pará¹

Jobson MACHADO²

Enderson OLIVEIRA³

Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

RESUMO

Neste artigo, que condensa algumas das discussões realizadas em meu trabalho de conclusão de curso nos últimos meses de 2018, analiso discursos emitidos através de mídias sociais, principalmente do Twitter, sobre o bairro do Guamá, periferia localizada na região sul de Belém e que em geral é associado a práticas de violência e insegurança. Mesmo com tal estigma, é possível ainda verificar como parte da população se mostra “orgulhosa” e fortemente ligada ao bairro. Para fazer estas discussões, foram feitas análises usando de etnografia virtual, folksonomia e com aplicações de questionários para moradores e não moradores.

Palavras-chave: Twitter; Guamá; Belém; Estigma; Orgulho.

Os caminhos do Guamá: para além das considerações iniciais

Guamacity, Guamá York, Guamundo e Guamazão, além de expressões como “Eu sou do Guamá”, “Me respeita que eu sou do Guamá” e “Meu país Guamá” são comuns ao retratar o Bairro do Guamá, localizado na região sul da cidade de Belém.

O bairro, um dos 71 existentes entre a cidade e os distritos de Belém, segundo consta o mapa de divisão política-administrativa disponibilizado pela Prefeitura para o Diário Oficial do Município (1996)⁴, é também visto como um local perigoso, associado constantemente à frase-alerta de “me rouba”⁵, termo muito utilizado por quem não reside no bairro.

Essa experiência próxima e/ou distante reflete diretamente na forma como o bairro é visto, seja por moradores de outros bairros ou por moradores do próprio bairro, isso através de

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, do Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém – PA – 2 a 7/09/2019.

² Recém-graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio do Pará (FAP). Analista de Marketing digital. E-mail: jobson.w.machado@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Jornalista, mestre em Ciências Sociais, doutorando em Sociologia e Antropologia e Professor na Faculdade Estácio do Pará. E-mail: enderson.oliveira12@gmail.com.

⁴ Mapa disponível em: http://www.belem.pa.gov.br/planodiretor/Mapas/1a_Mapa-Bairros.pdf. Ano: 1996. Acesso em: <02 de outubro de 2018>

⁵ Expressão popular comumente usada na cidade para designar que tal lugar ou pessoa é perigoso.

notícias em portais de notícias locais e por replicações de conteúdos disseminados em redes sociais pelos moradores.

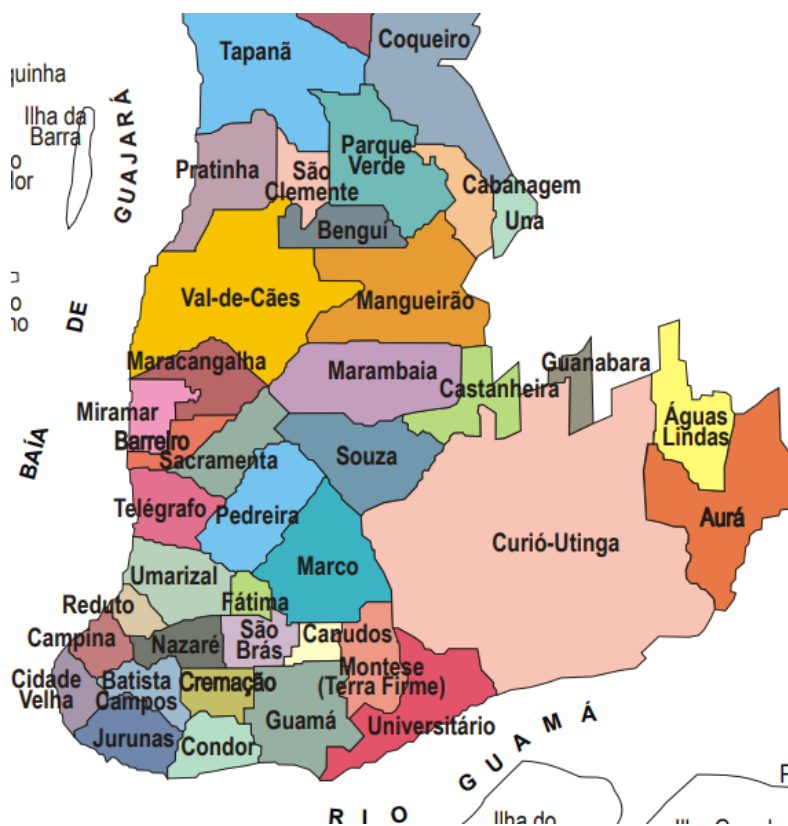


Imagem 01. Recorte do mapa de divisão político-administrativa dos bairros de Belém.

Belém, segundo dados do IBGE em 2016, possui 1.485.732 habitantes⁶. Deste quantitativo, somente o Guamá agrega 94.610 habitantes⁷ - de acordo com o censo 2010 -, sendo portanto o mais populoso⁸ e tendo aproximadamente 6,5% da população da “Cidade das Mangueiras”, superando bairros centrais como São Brás, Umarizal e Nazaré, os quais possuem um movimento de verticalização cada vez maior por serem bairros com maior fluxo de pessoas, causados pela centralização de empresas, empregos e instituições prestadoras de serviços, como lojas, shoppings, faculdades, entre outros.

⁶ Retirado do portal de cidades do IBGE: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>>. Acesso em: 30/09/2018.

⁷ Dados retirados com base no Censo 2010 de: <<http://populacao.net.br/populacao-guama-belem-pa.html>>. Acesso em: 30 de setembro de 2018.

⁸ Dados fornecidos com base no Censo 2010 através de: <www.populacao.net.br/os-maiores-bairros-belem-pa.html>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

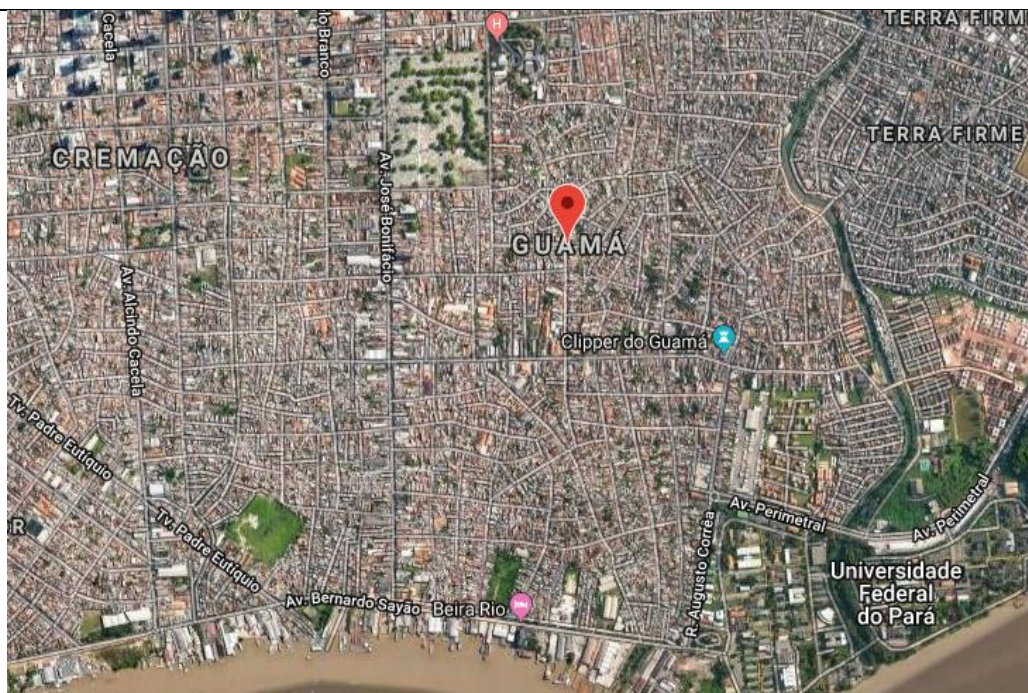


Imagem 02. Imagem via satélite do bairro do Guamá com seus bairros vizinhos.⁹

Indo além, é comum vermos matérias como “Moradores do bairro do Guamá, em Belém, pedem melhorias”¹⁰ e “Violência assusta moradores do bairro do Guamá, em Belém”¹¹ sendo veiculadas pela mídia tradicional da cidade como fonte de conteúdo primária sobre o local e, conseqüentemente, criando o estereótipo do bairro marginalizado e perigoso.

Quando a imprensa faz um desserviço.
Meu GuamáCity é cheio de vida. Resiste a isso com atividades culturais e esperança. Semeamos leitura para colher amor.
Lutamos por equidade de direitos e seguridade social. Parem de nos discriminar por nosso bairro. Nem sabem um terço do que se passa aqui. 😊



Imagem 03. Captura de tela de comentário de internauta sobre matéria jornalística colocando o bairro do Guamá como mais perigoso da cidade.

⁹ Disponível em <<https://mapasapp.com/brasil/para/belem-pa/guama>>. Acesso em 02 de Outubro de 2018.

¹⁰ Matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/videos/t/todos-os-videos/v/moradores-do-bairro-do-guama-em-belem-pedem-melhorias-da-passagem-paraiso/5988807/>>. Acesso em 04 de outubro de 2018.

¹¹ Matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/videos/t/todos-os-videos/v/violencia-assusta-moradores-no-bairro-do-guama-em-belem/6082567/>>. Acesso em 04 de Outubro de 2018.

Cabe aqui problematizar qual a imagem que a mídia tradicional da cidade muitas vezes cria do bairro. Observando-o como uma cidade ou um local urbano, Eduardo Duarte (*apud* Phryston, 2006) afirma que “essa imagem midiática é um reflexo da cidade possível, uma imagem que se constrói com aspectos reais, mas que cria uma temporalidade e um sentido próprio descolado do sentido do vivido, e que retorna para o vivido redimensionando sua existência” (DUARTE *apud* PRYSTHON, 2006, p. 109).

Popularmente, o bairro possui várias expressões que são facilmente encontradas na linguagem popular e em buscadores de redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram. O que expande as expressões para além da “boca-a-boca”, incluindo-o no ciberespaço.

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

Em um contexto de múltiplos discursos, as mídias tradicionais ocupam o papel de noticiar a violência sobre o bairro, o que resulta em criar um estereótipo de vergonha por morar nele e cria preconceitos vindos de moradores de outros bairros com os guamaenses, com isso, há opiniões e vivências que concordam e fortalecem o que essas mídias expõem, mas também há argumentos e vivências diferentes das expostas e geradas, o que gera discursos sobre se orgulhar ou se envergonhas de “ser” e/ou residir no Guamá.

Levando em conta tudo isto, o que torna o “Guamá York” um bairro digno de ser pesquisado? Como habitante e pesquisador imerso no objeto, considero que a comunidade periférica – em seu direito democrático – precisa resistir quanto os preconceitos e violências que assolam o bairro, tanto no meio externo quanto interno, assim mostrando que o mesmo é bem mais que só o noticiado.

O Guamá é mais do que apenas crimes e violências, existem diversos movimentos culturais as quais as mídias tradicionais de informação não cedem à devida atenção, tais como: os eventos do “bole-bole” (escola de samba do bairro); os bois; os movimentos educacionais que acontecem no espaço “Lar Fabiano de Cristo”; e até os atos religiosos que vão desde passeatas na “igreja de São Pedro e São Paulo”, cultos na igreja de luxo da “Catedral da família”, até reuniões em centros de candomblé na “Pedreirinha” (rua muito famosa no bairro

por sua diversidade cultural e vizinhança festeira). Mas para isso, precisamos repensar o “off-line” e alguns meios tradicionais de comunicação para analisar as mudanças de discursos existentes entre esses meios e os digitais, da internet e do ciberespaço.

Assim, usando das interações das redes sociais como o Twitter – principal fonte de discursos, por isso destacada por mim na análise –, Facebook, Instagram e portais de notícias, para situar como o espaço urbano do bairro do Guamá existe dentro das interações de cidades informacionais ou cibercidades, que são formas de interações do espaço urbano com estas redes digitais de comunicação e informação (SOUZA E JAMBEIRO, 2005, p. 10).

Portanto, neste artigo, que condensa algumas discussões realizadas em meu trabalho de conclusão de curso nos últimos meses de 2018, analiso as expressões de identificação e “orgulho” dos moradores do Guamá por morarem ou mesmo serem originários do local, mostrando que há diversos movimentos culturais e mesmo identitários que por vezes as mídias tradicionais deixam de lado em detrimento de uma única imagem do bairro. Para isto, no entanto, é necessário primeiro entender os diálogos feitos na metodologia que possibilitam a produção deste artigo.

Trajetos no e do Guamá: passos para a análise

Com a finalidade de analisar o comportamento e os discursos dos moradores e não moradores do bairro do Guamá via *web*, foi necessário o uso de metodologias que captassem a riqueza de informações produzidas e emitidas diariamente pelos moradores tanto do bairro quanto externos na *web*, principalmente em mídias sociais como Twitter – que no período de 2011 até o mês de outubro de 2018 foi o principal canal de coleta de dados –, Facebook e Instagram.

Logo, como foi observado acima, o bairro atende por várias nomenclaturas e expressões e, como estamos analisando dentro de um universo ciber, uma maneira viável de agrupar as informações advindas de um interativo, é usando a Folksonomia, termo usado em 2004 por Thomas Vander Wall, um arquiteto de informação, para definir uma forma de classificar *keywords* e *tags* disponíveis na internet. Melhor discutida pelas pesquisadoras Maria Elisabete Catarino e Ana Alice Baptista, (2007), podemos classificar folksonomia como:

[..] o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas às informações dos recursos na Web, em um ambiente social, compartilhado e aberto a outros, pelos próprios usuários da informação, visando a sua recuperação. Destacam-se, portanto três fatores essenciais: o primeiro é o resultado de uma indexação livre, feita pelo próprio usuário do recurso; o segundo objetiva a recuperação posterior da informação e o

terceiro é desenvolvida num ambiente aberto que possibilita o compartilhamento e, até, em alguns casos, a sua construção conjunta. (CATARINO; BAPTISTA, 2007).

Em suma, a folksonomia permite captar as “Keywords”, categorizá-las por redes e classificá-las pelos discursos que as acompanham dentro dessas mídias digitais interativas na internet, para esse trabalho, usaremos a do nome do bairro, Guamá, para captar o que tem se falado sobre ele e Orgulho, também farei buscas das diversas nomenclaturas que o bairro possui, Guamacity, Guamá York, Guamundo e Guamazão, para avaliar como esse sentimento está ocorrendo entre seus habitantes.

Seguindo no meio interativo que a sociedade em rede e a internet nos proporcionam, busco ainda fazer uma Etnografia Virtual que, segundo Yara Mitsuishi (2007, p. 3) consiste numa análise da relação subjetiva com e através dos computadores e da Internet, isto é, numa ampla investigação sobre a maneira com que as pessoas se apropriam destas tecnologias e dão sentido ao seu uso. (MITSUISHI, 2007, p. 3).

Para Robert Kozinets (2002, p.2), ela é “uma nova metodologia de pesquisa qualitativa que adapta técnicas da pesquisa etnográfica para o estudo de culturas e comunidades emergindo através das comunicações mediadas por computador” (KOZINETS, 2002, p. 2). Ou seja, como nosso objeto são discursos imersos no meio digital sobre o Guamá, podemos analisar a vasta quantidade de elementos e discursos que existem no bairro.

Nesta análise, como um “insider” – categorizado pela inserção do pesquisador com o objeto de estudo –, acabo por demonstrar uma “experiência própria” e “experiência distante” do assunto, que segundo Clifford Geertz (1997, p. 87) é:

Um conceito de “experiência próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém [...] usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes veem, sentem, pensam, imaginam etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira. Um conceito de “experiência distante” é aquele que especialistas de qualquer tipo [...] utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos. (GEERTZ, 1997)

Portanto, meu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo (POLIVANOV, 2013), ou seja, analiso os dados coletados e classificados pela folksonomia através das redes: Facebook, Instagram, Twitter e buscadores de forma sucinta, para assim ter uma medida qualitativa de categorizar os discursos feitos, porém, pela característica discursiva mais ampla, aberta e interativa, a principal rede utilizada para a análise foi o Twitter.

Além disso, apliquei dois questionários, entre agosto e novembro de 2018, de forma digital para dar suporte ao diálogo e comprovação dos discursos frente à coleta de informações, um aplicado a moradores do bairro para avaliar a visão deles e da região em que eles moram, tendo em vista que o bairro é um dos maiores em espaço também, por isso, foram utilizadas de perguntas de onde são, que visões tem do bairro, o que veem sobre o bairro nas redes sociais e TV, entre outros; e outro questionário, também qualitativo, entre moradores de outros bairros para avaliar a visão dos mesmos em relação ao Guamá, quanto o que eles acham de habitar nele, se concordam com o que veem das mídias e, principalmente, se se orgulham de habitar em “Guamá City”.

“Eu sou do Guamá” e “Me respeita que eu sou do Guamá”: a análise

O ser guamaense¹² leva o verbo “pertencer” muito a sério quando o assunto é levantar a bandeira de orgulho de ser do bairro. Seja de forma humorada, crítica, satírica, aproveitando de memes, intimidações e até para corroborar com os estereótipos ruins sobre o bairro, haverá um habitante do Guamá para confirmar ou discordar com muito orgulho disso, porque o mais importante é aproveitar a oportunidade de comentar sobre o local dando voz a ele e aos moradores como se estivessem em outro patamar sendo sempre algo mais, como no tweet abaixo:

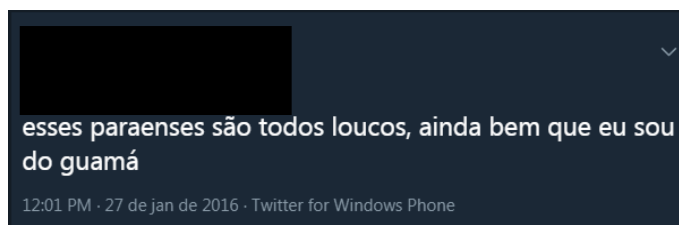


Imagem 04. Tweet onde o morador posiciona o Guamá como outro lugar.¹³

Como citado no parágrafo anterior, o que não se pode perder é a oportunidade, por isso que em meio a uma polêmica que ocorreu no ano de 2018 envolvendo uma ligação entre a cantora Anitta e a cantora Pablllo Vittar, em que a cantora envia um áudio para a drag dizendo:

“Óbvio, por que eu vou ficar alugando jato e helicóptero? Pra ficar mostrando que eu sou rica? Eu não, o jato era caríssimo, o clipe eu tava pagando sozinha, ram, muito pão dura, entendi. Pão dura ia ser, se eu pegasse e falasse assim: ‘Não, eu não vou pagar clipe nenhum faz de qualquer jeito’. Agora o clipe

¹² O ser guamaense, nesse caso, não é um indivíduo habitante necessariamente, mas sim uma forma de considerar os indivíduos que fazem parte, pertencem e se relacionam ao bairro.

¹³ Tweet disponível em: <<https://mobile.twitter.com/alexandreriibe/status/692346623272337408>>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

caro pra cacete, 70 mil dólares. 70 mil dólares, amor! Sou pão dura? Para ficar pagando jato pra galera ir com a bunda no sol? Não preciso meu filho! Sou de Honório Gurgel meu filho. Passei muito perrengue na minha vida” (ANITTA, 2018)¹⁴

Os moradores tiveram que agir com urgência para posicionar o bairro no meme do momento conforme capturas de tela a seguir:



Imagens 05. Anitta vs. Pablo Vittar – versão Guamá.¹⁵

O comportamento do morador quanto ao estereótipo de violência e perigo que o Guamá e seus habitantes apresentam, nem sempre é o de combate. Na verdade, em sua maioria é um reforço a esse estereótipo de forma defensiva. Os argumentos – marcadores, por que não? – de “eu sou do Guamá” ou “Me respeita que eu sou do Guamá” são constantemente utilizados para amedrontar ou para impor um perigo de personalidade sugestiva, como se por ser do Guamá fosse um motivo para não ser mexido ou provocado, assim como um dos entrevistados disse em sua resposta: “*o meu amigo normalmente posta que nunca é assaltado por ser morador do Guamá.*”, o que vem a demonstrar que não é só orgulho que se tem no bairro, mas também medo.

¹⁴ Matéria sobre briga entre Anitta e Pablo Vittar: <<https://www.otvfoco.com.br/anitta-quebra-o-silencio-e-fala-sobre-audio-detonando-pablo-vittar-sou-de-honorio-gurgel/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

¹⁵ Tweets datados no dia em que aconteceu a polêmica envolvendo as cantoras.

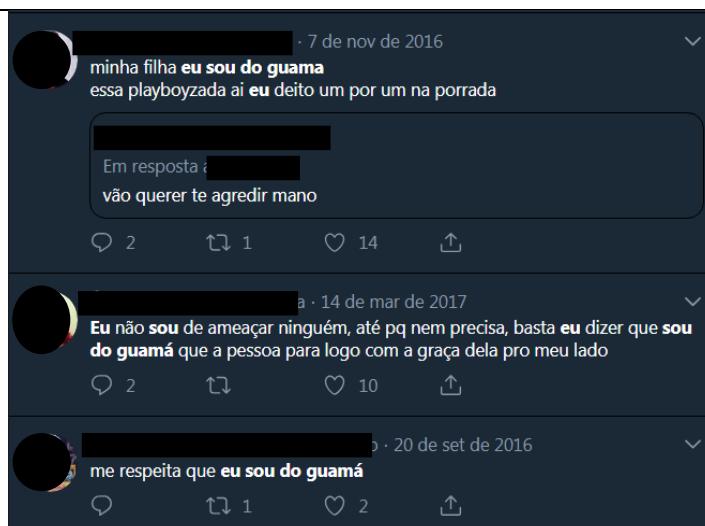


Imagem 06. “Ser do Guamá” como argumento de medo.

O que não vem a ser um estereótipo exclusivo do Guamá, visto que Belém contém muitas outras periferias que se assemelham ao bairro em diversos aspectos, como violência, perigo, medo, vergonha, abandono do poder público e orgulho também – o Guamá não é uma exclusividade, mas se destaca pela proporção, população e localização –, é o estereótipo do “malaco” nome popular para designar uma pessoa que aparenta ser bandido, criminoso ou apenas de classe média baixa ou classe baixa, muitas vezes carrega um comportamento racista de qualificar apenas pessoas negras como um. Sem focar em uma discussão polarizada entre “centro x periferia”, que não é o foco desta pesquisa, devemos observar que acontece que o mesmo até se decepciona quando não é devidamente reconhecido pelos seus atributos icônicos e identitários de um, o que vale lembrar que não é um comportamento de um todo ou uma indignação coletiva, assim como externa um usuário da rede social:

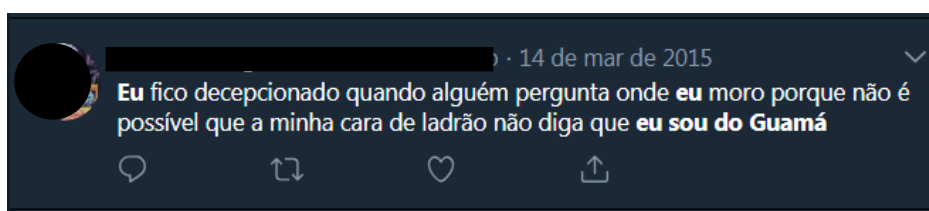


Imagem 07. Guamaense decepcionado por não ser reconhecido.

Em suma, o “ser do Guamá”, como forma de expressão “eu sou do Guamá” e “Me respeita que eu sou do Guamá”, está diretamente ligado às experiências que o cidadão tem com o espaço urbano que ele vive, fazendo com que o mesmo leve essas experiências e uma afetividade para as redes sociais digitais, o que deixa explícito uma afetividade, apego, amor e defesa do bairro, o que pode vir a ser, de forma resumida, orgulho desse espaço periférico ocupado de tantos sujeitos múltiplos.

O orgulho guamaense situado no discurso de pedir respeito por ser de lá ou só por dizer que é de lá atiga a vontade do mesmo demonstrar o afeto com o local a qual eles pertencem. É possível observar uma defesa do bairro com argumentos de pertencimento e até de ser filho do Guamazão, ou seja, a relação afetiva que os moradores do Guamazão possuem com o local está ligado de uma forma fraterna, como se todos fossem filhos do bairro. O que leva a afirmar que o habitante do Guamá está em seu local de fala quanto ao pertencimento de viver no bairro e sugerir melhorias para ele.

Mesmo sendo tratado como algo estranho, o pertencimento do guamaense está na pele, é como uma marcação de território, um “meu território” que André Lemos (2007) explica de forma que “Qualquer espaço pode transformar-se no ‘meu território’ já que passo a controlá-lo informacionalmente.” (LEMOS, 2007, p. 11). Mas de que importa o chamar por “meu território” e assumir um “local de fala” para o guamaense? A real importância desses pontos é combater as impressões de “estrangeiros” ao bairro que resumem o bairro de forma sinônima com os termos: violento, perigoso e “me rouba”.

Na realidade, não vejo eles (amigos que moram no bairro) postando muito na internet sobre o bairro em si. O que eu percebo é que todos moradores do Guamá que conheço, no geral, gostam do bairro e alguns têm até mesmo orgulho de morar ali. Isso de certa forma me ajudou a ir mudando a visão negativa que tinha.

Discursos como o acima podem ser vistos em tweets datados de 2011, onde guamaenses afirmavam seus orgulhos pelo bairro ou de ser do bairro sem nenhum motivo aparente, conforme vemos a seguir:

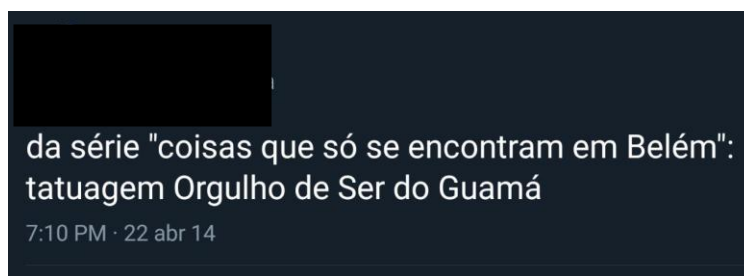


Imagem 08. Tatuagem orgulho de ser do Guamá

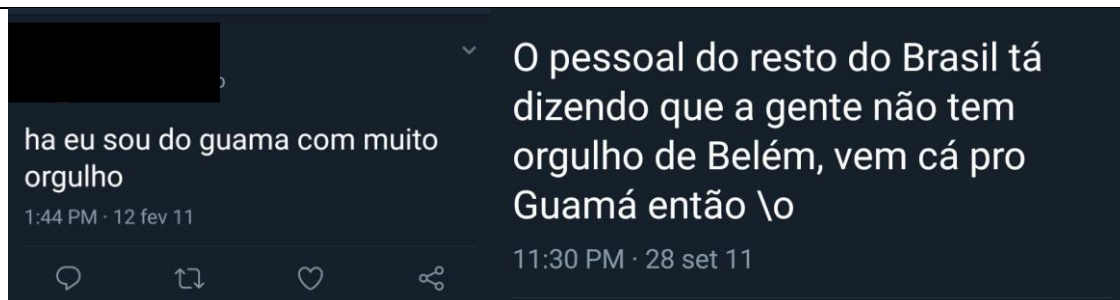


Imagem 09. Tweets sobre orgulho de ser do Guamá do ano de 2011.

Com afirmações como essas, pode ser comprovado – em pequena quantidade de respostas, porém seletas – de que é real e existente em uma fatia da população, onde de 32 entrevistados, 59,4% afirmaram sentir orgulho de morar no Guamá, sem contar com a porcentagem de 28,1% que votou às vezes, não colocando uma frequência, mas uma existência desse orgulho, como mostra o gráfico abaixo:

você tem orgulho de morar no Guamá?

32 responses

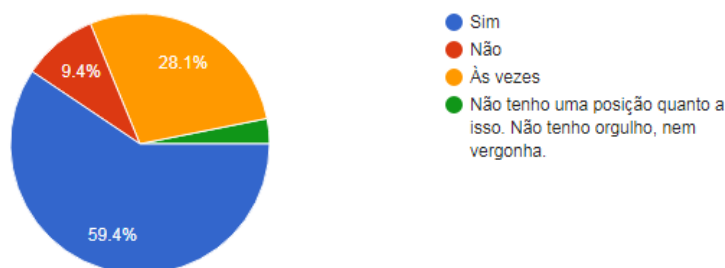


Imagem 10. Você tem orgulho de morar no Guamá?

Porém, o mesmo gráfico exibe que há pessoas que não se sentem orgulhosas de morar no Guamá York, o que significa que em outros espaços e até na internet, há discursos diferentes quanto a habitar em um bairro de periferia como o Guamá que pode ter como causa insatisfações sobre os problemas existentes no bairro, como violência, falta de cuidados públicos etc. Anos após, ainda é possível captar tweets onde essas características se afirmam de forma comum, sem um tom irônico, debochado ou que necessitasse de algo que fizesse ter essa reação, como é perceptível em:



Imagem 11. Afirmação de amor e orgulho do bairro.

Esse orgulho guamaense nas redes sociais frente a todas as adversidades – que são muitas – agem como resistência, são poucos e ainda impossibilitados de mudar a visão que o bairro possui na mídia, na boca dos moradores de outros bairros e até na internet mesmo, tendo em vista que ao mesmo tempo que há orgulho, há vergonha e medo. Uma possível solução para esses problemas seria usar das mesmas mídias que emitem discursos pejorativos sobre o bairro para emitir notícias, novidades, ganhos, melhoras que surgirem e, principalmente, dar voz para a comunidade de Guamá city, só que expandindo para além do Twitter, ocupando outras mídias como o Instagram, o Facebook, Medium, Telegram, WhatsApp e até o Pinterest, já que o objetivo é transformar o bairro em um território informacional e adorado, principalmente, pela população.

Considerações finais

O bairro que já serviu de necrópole da cidade de Belém (DIAS JR. 2009, p.52), foi refúgio de nordestinos que migraram pela economia da borracha e é, até os dias atuais, tido como perigoso e sinônimo de violência, seria algo que uma parcela da população viria a se orgulhar.

Pelo que discuti aqui, houve uma construção da imagem do “Guamazão”, colocando ele como marginalizado, perigoso e de gente subalterna. Sem qualificar com veemência a comunidade local e os avanços que teve ao passar dos anos e dos governos políticos, por isso, a pesquisa avaliou os discursos e fatos que acontecem na periferia de Belém e analisou essa visão construída em cima dela, só que através das redes de interação digital e observando discursos em seus devidos lugares de fala.

Em suma, deixo aqui uma pesquisa que muito pode contribuir para outras quanto a construção de discursos da mídia, de habitantes e cultura do comportamento das periferias, assim como contribuiu para análises de opiniões sobre o bairro do extremo-sul de Belém como local informacional de emissão de discursos e interações, o Guamá, mas como exemplifiquei no último parágrafo do tópico sobre “Orgulho de ser do Guamá”, há muito que ser feito pelo

bairro, pela comunidade e pelos guamaenses, o que significa que esse trabalho não acaba aqui e o bairro onde nasci, cresci e vivo até o atual ano de 2019 ainda será reposicionado, ou não, na mente de muitos cidadãos de Belém e toda sua região metropolitana.

Referências

CATARINO, Maria Elisabete; BAPTISTA, Ana Alice. **Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web.** Revista Data Grama Zero, v.8, n.3, jun. 2007. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun07/F_I_art.html>. Acesso em: 02 de Outubro de 2018.

DIAS JR, José do Espírito Santo. **Cultura popular no Guamá: Um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Tradução de Vera Mello Joscelyne – Petropolis, RJ. Vozes, 1997.

KOZINETS, Robert. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities,** 2002.

LEMOS, André. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura.** In: MÉDOLA, A.; ARAÚJO, D.; BRUNO, F. (Org.). Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277-293. Disponível em: <<http://www.andrelemos.info/artigos/territorio.pdf>>. Acesso em: 4 de novembro de 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

MITSUISHI, Yara. **Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual.** In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs.). Antropologia Visual e Hiperfídia. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos.** Esferas, Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.

PRYTHON, Angela (org). **Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas.** Porto Alegre: Sulina, 2006. p.100-114.

SOUZA, Leandro; JAMBEIRO, Othon. **Cidades informacionais: as cidades na era da informação.** 2005. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/LeandroSouza.pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Mapa de divisão político-administrativa do município de Belém. In: Diário Oficial do Município de Belém. Belém, 1996.

Matéria sobre briga entre Anitta e Pablo Vittar. In: <<https://www.otvfoco.com.br/anitta-quebra-o-silencio-e-fala-sobre-audio-detonando-pablo-vittar-sou-de-honorio-gurgel/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

Matéria sobre incêndio no Guamá.
In:<<https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-512632-incendio-atinge-15-casas-no-guama-em-belem.-uma-pessoa-foi-encontrada-carbonizada.html>>. Acesso em 03 de novembro de 2018.

Nove pessoas são mortas em Belém após assassinato de policial militar | Pará | G1.
In:<<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/11/oito-pessoas-sao-mortas-em-belem-apos-assassinato-de-policial-militar.html>>. Acesso em 23 de novembro de 2018.